

# “NÃO TINHA UM MARTELO COMO O MEU”:

## MEMÓRIAS DO SENHOR VALDOMIRO DE SOUZA REZENDE (VADU)



Quantas pessoas centenárias existem no Recôncavo baiano? Quantas pessoas centenárias tivemos a oportunidade de conversar? Há um provérbio africano que diz: “Quando um velho morre, é uma biblioteca inteira que se queima”. Dito isto, o livro presente relata a história de vida do senhor Valdomiro Rezende, carinhosamente apelidado de senhor Vadu; não restam dúvidas que o senhor Vadu representa a memória viva do Recôncavo Baiano.

Nascido na década de XX do século passado, o senhor Vadu foi atravessado por fatos históricos importantes que nos auxiliam na compreensão da História do Brasil e da Bahia; destacamos a Primeira República brasileira, o processo de modernização do país, a Ditadura Militar, Redemocratização do Brasil e o avanço dos movimentos progressistas no Brasil e no mundo.

Sendo a escrita da História orientada a partir de investigações locais, o professor e pesquisador Luís Carlos Borges da Silva se debruçou sobre as memórias do senhor Vadu para conduzir os leitores a destrinchar as estratégias de sobrevivências das classes trabalhadoras no Recôncavo agrário da produção de fumo, da mandioca, dentre outras roças tidas como “de pobre” por estarem vinculadas à sobrevivência e requererem pouco investimento, ao tempo em que trouxe passagem dos viveres do senhor Vadu na família, no lazer e festividades locais, bem como aspectos históricos acerca das cidades de Muritiba, Governador Mangabeira e Cabaceiras do Paraguaçu.

Alaíze dos Santos Conceição  
(Doutora em História pela UNIRIO)

LUÍS CARLOS BORGES DA SILVA  
MARIA ANGÉLICA DA SILVA REZENDE DA MOTA

# “NÃO TINHA UM MARTELO COMO O MEU”:

MEMÓRIAS DO SENIOR  
VALDOMIRO DE SOUZA REZENDE (VADU)



LUÍS CARLOS BORGES DA SILVA  
MARIA ANGÉLICA DA SILVA REZENDE DA MOTA

TODOS DIREITOS RESERVADOS AOS AUTORES

Arte da capa: Esdras de Jesus Lima

Fotos da capa: Osmir Ferreira Leite

Diagramação, impressão e acabamento: Gráfica e  
Comunicação Visual Nova Civilização

### Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Silva, Luis Carlos Borges da

Não tinha um martelo como o meu : memórias do  
senhor Valdomiro de Souza Rezende (Vadu) / Luis  
Carlos Borges da Silva, Maria Angelica da Silva  
Rezende. -- Governador Mangabeira, BA : Gráfica Nova  
Civilização, 2024.

Bibliografia.

ISBN 978-85-94210-10-4

1. Famílias - Histórias 2. Homens - Biografia  
3. Homens - Memórias I. Rezende, Maria Angelica da  
Silva. II. Título.

24-212259

CDD-920.71

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Homens : Biografia 920.71

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

**Gráfica e Editora Nova Civilização**  
**Rua JB da Fonseca, 280, Centro Cruz das Almas - BA**

# Sumário

APRESENTAÇÃO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
AS ORIGENS E A FAMÍLIA .....	11
A ESCOLA.....	19
ATIVIDADE PROFISSIONAIS.....	22
FESTAS E OUTRAS DIVERSÕES.....	30
A VILA DE CABEÇAS: O COMÉRCIO E OUTRAS HISTÓRIAS.....	33
O POVOADO DE GEOLÂNDIA (JORDÃO): A FEIRA E OUTRAS HISTÓRIAS ...	40
A LOCALIDADE DE QUIXABEIRA .....	45
A USINA HIDRELÉTRICA DE BANANEIRAS (GUINLE).....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
FONTES.....	55
REFERÊNCIAS.....	58
SOBRE OS AUTORES.....	61



## APRESENTAÇÃO

Para mim, (Angélica), como filha, é uma honra escrever sobre meu pai. Relembrar da infância, do pai presente, responsável, honesto, respeitoso, trabalhador e que sempre honrou com seus compromissos, sendo exemplo de retidão para todos da família. Ensinou e exigiu dos filhos responsabilidade com as ações e zelo com as outras pessoas.

Comprometido com seus afazeres e trabalhos, dedicou boa parte da sua vida profissional à carpintaria, além de atividades com a agricultura. Ouvir e dançar um tradicional forró, considero um dos seus grandes entretenimentos, tradição passada para grande parte da família, que anualmente celebra seu aniversário com muita alegria, forró e dança.

De criação católica e de muita fé em Deus, professou sua crença em muitas viagens para Bom Jesus da Lapa, por vezes acompanhado por minha mãe, Zulmira, cujo regresso rendia casos e risadas, sobretudo com a narração dela, exímia contadora de histórias e sua companheira por 62 anos.

Celebrar 104 anos de vida e saúde é uma dádiva, que oportuniza filhos, netos e bisnetos a convivência, companhia e o aprendizado através dos exemplos e de ações, sendo alguns deles narrados no texto a seguir, elaborado pelo professor e historiador, Luís Carlos Borges da Silva, que utilizou como fontes as reminiscência da ativa e brilhante memória do meu pai, mediante depoimentos configurados a partir de entrevistas.

*Maria Angélica da Silva Rezende da Mota*  
Governador Mangabeira, abril de 2024.



## INTRODUÇÃO

A presente narrativa tem como objetivo refletir acerca das memórias de Valdomiro de Souza Rezende (senhor Vadu), nascido em 21 de junho de 1920, na localidade do Bonsucesso, na época município de Muritiba, uma pessoa de 104 anos, com muita vitalidade e uma extraordinária memória. O texto se fundamenta na entrevista que realizei com o senhor Vadu em julho de 2022, fruto de um convite da sua filha, a professora Maria Angélica da Silva Rezende da Mota, objetivando a elaboração de um registro histórico sobre várias temáticas elucidadas a partir das reminiscências que a memória do senhor Vadu apresenta, principalmente temas relacionados ao cotidiano de sua vida e da história do município de Governador Mangabeira, inseridos no contexto da região do Recôncavo Baiano.

Escrever acerca das memórias de uma pessoa, não é tarefa fácil, principalmente se tratando das ricas informações concebidas pelo senhor Vadu. Não se trata da elaboração de uma biografia, mas construir uma narrativa relacionada a pontos específicos da trajetória de sua vida, especialmente na perspectiva das atividades laborais por ele desenvolvidas, além de saberes relacionados ao seu dia a dia, os quais expressam a diversidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais inseridas na dinâmica de um contexto histórico, algo de suma importância para a produção historiográfica, não aquela que durante muitos anos construiu a ideia de mitos e heróis, mas uma visão plural do fazer histórico, tornando visível a compreensão da realidade de vida de atores sociais até então “excluídos da História”.

Quanto ao título do livro: “*não tinha um martelo como o meu*”: memórias do Senhor Valdomiro de Souza Rezende (Vadu), justifica-se pela conotação que o depoente fez a sua prática de carpinteiro e marceneiro, algo considerado de extrema relevância para sua vida, simbolizado através da ferramenta do martelo. Para tanto, essas informações só foram possíveis graças às relevantes contribuições oferecidas pela memória do entrevistado, partindo do seu nascimento, no ano de 1920, até os dias atuais, com demonstração de coisas ainda realizadas por ele no seu cotidiano.

O olhar curioso e atento do senhor Vadu, permite-nos elucidar informações acerca de um contexto histórico dinâmico em nosso país, que se inicia ainda na República Velha, passando pelas transformações dos anos de 30 a 50, chegando até o Regime Militar (1964-1985), sobretudo na perspectiva histórica do Recôncavo Baiano, especialmente no município de Muritiba e em divisões do seu território como: a Vila de Cabeças (atualmente Governador Mangabeira) e a localidade do Jordão (atual Cabaceiras do Paraguaçu), traduzindo em sua fala a dinâmica social, econômica e cultural desses espaços.

Do ponto de vista teórico, os relatos do senhor Vadu, podem ser associados aos estudos desenvolvidos pela História Social, bem como das concepções historiográficas da História Local e Regional e a História Oral. Por sua vez, o principal recurso metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa foi a entrevista, quando o depoente respondeu diversas questões pré-elaboradas e outras que surgiram no decorrer do depoimento. Além da entrevista, tive acesso a outras fontes como certidão de casamento, fotos e objetos produzidos pelo senhor Vadu, enquanto marceneiro

e carpinteiro.

Assim, o livro foi dividido nos seguintes capítulos: as origens e a família, a escola, atividades profissionais, festas e outras diversões, a Vila de Cabeças: o comércio e outras histórias, o povoado de Geolândia (Jordão): a feira e outras histórias, a localidade de Quixabeira, a usina hidrelétrica de Bananeiras e as considerações finais, sendo que as informações de cada capítulo, estão interligadas através de uma narrativa que prioriza a fala do senhor Vadu, porém quando necessário são incorporadas algumas citações como forma de aprofundamento historiográfico das temáticas elucidadas no depoimento. Também, aparecem algumas notas de rodapé para definir ou conceituar algumas palavras, as quais compreendo como necessárias para ampliar a concepção histórica do texto.



## AS ORIGENS E A FAMÍLIA



*Foto 1. Diogenes de Souza Rezende e Maria Emídia Rezende, pais do senhor Vadu (1951).*

*Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.*

Filho mais velho do casal, Diogenes de Souza Rezende e Maria Emídia Rezende, Valdomiro de Souza Rezende, conhecido popularmente como Vadu, nasceu em 21 de junho de 1920, na localidade do Bonsucesso, atualmente município de Governador Mangabeira. Ainda criança foi morar na comunidade do Cipoal e em 1951 sua família se transferiu para o povoado do Jordão (Geolândia). Em 1958 adquiriu um terreno na localidade de Quixabeira (Governador Mangabeira), onde reside até hoje, em uma casa ampla, com vários quartos, uma boa varanda e com muitas janelas, casa que ele mesmo construiu. Além do senhor Valdomiro, o casal citado acima, teve mais 5 filhos: Anatólia de Souza Rezende, Deusdete de Souza Rezende, Dário de Souza Rezende, Aureliano de Souza Rezende e Áurea Damiana Silva de Souza, sendo que apenas Áurea, ainda está viva.



**Foto 2.** Comemoração dos 100 anos do senhor Vadu, ao seu lado, sua irmã Áurea.  
**Fonte:** arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.

Em 16 de julho de 1946, casou-se com Zulmira Carvalho da Silva, com quem teve sete filhos: Aderbal da Silva Rezende, Benedito da Silva Rezende, Orlando da Silva Rezende, Jonas da Silva Rezende, Manoel da Silva Rezende, Josafar da Silva Rezende e Maria Angélica da Silva Rezende da Mota. A família se amplia com a existência de 20 netos e 22 bisnetos.



**Foto 3.** Casal Valdomiro e Zulmira, bodas de prata de casamento – (1971).  
**Fonte:** arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.



**Foto 4.** A família de senhor Vadu e dona Zulmira reunida. Da direita para esquerda: Zulmira da Silva Rezende (mãe), Valdomiro de Souza Rezende (pai), Aderbal da Silva Rezende (irmão nº 1), Benedito da Silva Rezende (2), Orlando da Silva Rezende (3), Jonas da Silva Rezende (4), Manoel Henrique da Silva Rezende (5), Josafar da Silva Rezende (6) e Maria Angélica da Silva Rezende (7).  
**Fonte:** arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.

Durante o seu depoimento, revelou como era o namoro daquela época: “por mim eu tiro, você não tinha direito de estar perto de namorada, se encontrava logo cedo, conversava, era um de lá outro de cá, pegava na mão, mas de longe” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022). Quanto ao relacionamento com dona Zulmira, senhor Vadu, revelou as estratégias usadas para consolidar a união amorosa do casal:

Quando eu procurei ela para a gente se gostar, ela tinha 14 anos, nesse mesmo tempo foi que me chamaram para ir para o Sertão, aí eu caminhei, elas passaram para a Igreja rezar, o terço de Santo Antônio, aí eu cheguei e acompanhei. No Jordão não tinha energia naquele tempo, tinha um lampião na frente da Igreja, quando cheguei perto da claridade dei um sinal para elas duas, as duas irmãs, aí ela veio também, decidida para ver o que eu queria, aí ela olhou para a irmã, ficou parada olhando para mim, depois disse que aceitava, daí em diante eu comecei a namorar (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

De fato, essa condição para se concretizar um namoro, expressa no depoimento do senhor Vadu, está muito ligada aos códigos de moral e ao papel da mulher, algo associado a visão patriarcal existente na sociedade daquela época, ainda que o movimento feminista já atuasse de forma representativa em algumas cidades do país. São muitos os estudos relacionados a essa temática, dentre eles destaca-se o da historiadora Mary Del Priore (2011), denominado de "História do Amor no Brasil", quando discorre sobre o namoro na primeira metade do século XX:

A moça interessada em arranjar namorado via diferentes rapazes, avaliava seus tipos, tentava decifrar seus sinais e quase sempre furtivamente – sem que as companheiras percebessem, uma relação

preliminar. Nas cidades do interior, nos domingos após a missa, ia-se “tirar uma linha” e começar um namoro sério (...) Capitada a atenção, o candidato passava a exibir uma variedade de sinais, por meio dos quais se comunicava, a distância com sua bem amada (PRIORE, 2011, p. 277-278).

Em relação às prerrogativas para o casamento naquela época, senhor Vadu, também nos apresenta informações interessantes. Inicialmente a espera para se casar, uma vez que ele foi trabalhar no Sertão:<sup>1</sup> “perguntei na vista da mãe dela: eu vou uma viagem ai para o Sertão, trabalhar, você espera eu voltar para nós casarmos, falei logo assim, ela respondeu: o tempo que for preciso” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022). Em seguida, traz informações interessantes acerca do olhar do pai de sua namorada para a efetivação do casamento, ou seja: “o homem que eu gostava da filha, queria logo fazer o casamento, me perguntou: vamos logo fazer esse casamento, não quero casamento demorado aqui. Daí construí lá perto do meu pai no Jordão e depois casei” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

Nesse trecho do depoimento, nota-se a preocupação do homem em se estabelecer como o provedor na relação matrimonial, ele como o construtor da casa, já o pai da noiva incorpora a visão social sobre o matrimônio, uma instituição que traduzia prestígio e moral para as famílias, mas a opinião feminina não aparece como prerrogativa para consumir o matrimônio. Em seus estudos sobre o matrimônio no Brasil, Del Priore (2011)

---

<sup>1</sup>Para o historiador Fabrício Lyrio Santos (UFRB), o termo sertão remete a “uma categoria fundamental da colonização lusitana que se aplicava a regiões diversas e com características distintas, tendo em comum apenas o distanciamento (maior ou menor) em relação ao litoral. O termo já era empregado em Portugal pelo menos desde o século XIV, denotando o interior de um território em parte mais remota ou menos conhecida (SANTOS, 2014p.39).

adverte para o casamento como um negócio durante o Brasil Colônia, como um contrato social no século XIX e o eterno casamento a partir do século XX, alertando para o papel do homem e da mulher nas relações matrimoniais, ou seja: “ao marido, cabia representar a família, administrar os bens comuns e aqueles trazidos pela esposa e fixar o domicílio do casal (...) A ela cabia a identidade doméstica; a ele a pública” (DEL PRIORE, 2011, p. 246).

O namoro de senhor Vadu com dona Zulmira, também contou com seus momentos românticos, uma vez que o casal chegou a enviar cartões de felicitações nas datas de seus aniversários. Tive acesso a dois desses cartões, guardados por dona Zulmira até sua morte (29/11/2007) e hoje sobre os cuidados da filha do casal, Maria Angélica. O cartão enviado pela senhora Zulmira foi no aniversário do senhor Vadu de 1943, já o cartão emitido pelo senhor Vadu, consta o ano de 1945. Seguem as imagens e as mensagens escritas nos versos dos cartões, as quais demonstram o vínculo de afetividade do casal.



**Foto 5.** Cartão de dona Zulmira para senhor Vadu, parabenizando pelo seu aniversário (22/06/1943).

**Fonte:** arquivo partícula de Maria Angélica da Silva Rezende da Mota

Salve gloriosa data 22 de junho de 1943. Ao atencioso Valdomiro. Hoje dia do teu aniversário, felicito-te por colher uma pétala de rosa no jardim da tua preciosa existência, peço ao criador que estes anos reproduzam e ti seja amparado com muitas felicidades. Assim deseja a tua pequena Zulmira (SILVA, 1943).



*Foto 6. Cartão de senhor Vadu para dona Zulmira, parabenizando pelo seu aniversário (13/05/1945). Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva Rezende da Mota*

Salve o dia 13 de maio de 1945.

Zulmira...

Hoje dia do teu aniversário, ofereço este postal, como prova de amizade.

Do teu sempre, Valdomiro” (REZENDE, 1945).

Ainda sobre suas origens e sua família, senhor Vadu relatou que seu pai criou os filhos trabalhando na roça, plantando fumo, mandioca, fazendo farinha e vendendo na feira de Muritiba, a qual funcionava dia de sábado. Levava 4 quartas (80 litros) de farinha na cangalha colocada no lombo do cavalo. Com o dinheiro obtido da venda da farinha fazia as compras da semana, especialmente os seguintes alimentos:

Ele fazia a compra na casa de dona Flora, ali no Catitu, tinha uma venda. Quando ele chegava em casa já de noite, ele trazia bacalhau, aquele bacalhau chegava ver o cheiro, a gente dizia: pai trouxe bacalhau (risos). A comida era essa, ele trazia carne de boi, não havia geladeira, minha mãe botava de sal ou fazia aqueles lombos para recortar e comer, a vida era assim, ele gostava de pescar também, pegava muito peixe no rio Paraguaçu, em um lugar chamado de Quatrocentos, perto do Retiro. (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

Percebe-se no depoimento do senhor Vadu, a riqueza de informações acerca de suas origens e de sua família, um olhar vinculado ao contexto histórico e social daquele momento de sua vida, mas que não deixa de enaltecer o valor das relações familiares para a sua trajetória, bem como seu crescimento enquanto pessoa, revelando a importância dos estudos relacionados a História Oral, pois através das reminiscências existe a construção de um “processo interativo entre o sujeito e o seu passado que faz da história também a memória e a identidade dos indivíduos e dos grupos” (SILVA, 2001, p. 14).

Importante salientar que o senhor Vadu, viveu a sua infância em um período denominado de República Velha ou República Oligárquica, quando prevaleceu o poder dos coronéis,<sup>2</sup> bem como a política dos governadores e a do café com leite. Esta última consistia na alternância na presidência da República de políticos paulistas e mineiros. Também, a década de 20, a nível nacional foi marcada pelo surgimento do feminismo, Partido Comunista, Tenentismo, Negra Revista e CIA e a Semana de Arte

---

<sup>2</sup>O historiador José Murilo de Carvalho, assim conceituou a figura do coronel: “O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. O mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional (In: SILVA, 2004, p. 27).

Moderna. Já no âmbito local, as cidades de São Félix e Muritiba viveram um crescimento econômico, muito em função do beneficiamento de fumo nos armazéns, os quais empregavam centenas de pessoas.

## A ESCOLA

No que diz respeito ao acesso à educação, senhor Vadu, relatou as dificuldades enfrentadas naquela época, uma vez que ele residia na localidade do Cipoal e tinha que se deslocar todos os dias cerca de 4 quilômetros para estudar na sede da Vila das Cabeças, onde estavam localizadas as escolas mais próximas da casa de sua família, que ficavam perto à residência do alfaiate Abílio Aragão, hoje Praça Castro Alves da cidade de Governador Mangabeira. No que se refere a estrutura física dessas escolas, bem como a dinâmica de ensino em que as professoras eram submetidas, a memorialista, Angelita Gesteira Fonseca, em seu livro "Primórdios e Progresso da Cidade de Governador Mangabeira" (2000), salientou que:

as escolas eram isoladas, funcionavam em salas pequenas, sem mobiliário adequado, com quadro-negro arranjado pela professora, sanitários inadequados, nenhum material escolar, assentos improvisados, sem espaço para exercícios físicos ou para recreio. E as professoras, no mesmo horário, ensinavam a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> séries (In: SILVA, 2004, p. 18, ).

O entrevistado, também citou os nomes de suas professoras: “a primeira vinha de Salvador e chamava Olga, vinha pelo vapor (navio) de Cachoeira, vinha dia de segunda-feira e ficava a semana toda, a outra era Elza, ela me ensinou muito tempo” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022). Depois chegou a frequentar a escola de dona Filinha, que ficava próxima ao armazém de fumo de João Altino da Fonseca, a última professora foi Angelita Gesteira Fonseca. Sobre o método de estudo, mencionou que:

Toda escola tinha à palmatória e régua, no quartel e na cadeia tinha uma palmatória dessa também. Apanhei muito na escola por que não sabia ler ou não sabia responder a sabatina, eu levei uns 5 anos na escola, sair no terceiro ano, só entrou na minha cabeça a arte de carpinteiro, quando amanhecia o dia já ficava com medo, pois se não soubesse a lição apanhava dos colegas e da professora, quando eu vir entender o que era escola meu pai me tirou para colocar os irmãos (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

É importante ressaltar que o modelo educacional vivido pelo depoente, estava inserido em um contexto histórico em que o Brasil era dominado pelas oligarquias, poder legitimado pelo coronelismo.<sup>3</sup> Segundo Aranha (1996), os primeiros anos da República no Brasil, a educação sofreu influências do positivismo, mas o acesso à educação era limitado. Na década de 1920 o analfabetismo chegou a 80% da população, levando ao surgimento do movimento da escola nova ou escolanovismo,<sup>4</sup> “quando educadores introduzem o pensamento liberal democrático, defendendo a escola pública para todos, a fim de se alcançar uma sociedade igualitária e sem privilégios” (ARANHA, 1996, p. 198).

No tocante ao castigo físico (palmatória), que senhor Vadu sofria quando não sabia a resposta de determinada pergunta da professora, essa prática remonta a educação jesuítica nos primeiros séculos do Brasil Colônia, permanecendo no Império e

---

<sup>3</sup> O coronelismo foi um fenômeno com várias faces, onde um fazendeiro, um comerciante ou alguém intelectualizado conseguia controlar as diversas camadas sociais de um município, usando mecanismos de favores pessoais oriundos de um prestígio social, conseguidos com uma superioridade política e econômica. A pretensão de todo coronel era ser visto como o caridoso, o bem-feitor e o protetor de uma determinada população (SILVA, pp.31-32, 2004).

<sup>4</sup> Dentre os escolanovistas, é notável a contribuição do filósofo baiano Anísio Teixeira (1900-1971). Entre outras obras, escreveu Educação não é privilégio e Pequena introdução à filosofia da Educação. Sua atuação, sempre marcante, estende-se desde a década de 20 até o início dos anos 60 (ARANHA, p. 198, 1996).

chegando até os anos de 1980. O propósito do uso da violência corporal<sup>5</sup> no ambiente escolar, era manter a ordem, disciplina, hierarquia e submissão, ressaltando que os “castigos físicos aplicados aos estudantes nas escolas foram diversificados de acordo com o modelo de cada instituição e conforme a visão de mundo de cada época. Os castigos eram naturalizados, não se pensando nos direitos dos alunos ou em sua humanização” (CARVALHO, et al, 2019, p. 30-31).

Evidente, que o uso de castigos físicos no âmbito escolar brasileiro atualmente é considerado crime, de acordo aos preceitos da legislação em vigor. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 1996) estabelece que o processo de ensino e aprendizagem deve ser inspirado nas concepções de liberdade e solidariedade humana, bem como a existência de princípios democráticos, superando a ideia bancária na relação professor e aluno, para então se concretizar a concepção libertadora, como pregava o educador Paulo Freire.

---

<sup>5</sup>O ambiente escolar, historicamente, foi espaço de aplicação de castigos corporais, uma prática educativa comum a que recorriam os missionários/educadores desde os tempos coloniais. As ordens religiosas oriundas da Europa que se estabeleciam no Brasil, em especial, jesuítas e franciscanos, aplicavam os castigos físicos, da mesma forma que aplicavam nas escolas que mantinham na Metrópole. O entendimento dos jesuítas era o de que não se poderia conceber disciplina sem obediência (CARVALHO, 2019, p. 25).

## ATIVIDADES PROFISSIONAIS

A trajetória do senhor Vadu, exercendo alguma atividade laboral, foi a parte da entrevista que propiciou a maior quantidade de informações, principalmente o gosto pelas profissões de marceneiro e carpinteiro, fato que originou o título desse livro: “Não tinha um martelo como o meu”. Ele relatou que aos 21 anos de idade já sabia a arte da marcenaria, a qual aprendeu com o senhor Juvenal, que residia na Vila de Cabeças, depois desenvolveu a profissão de carpinteiro. Ainda mantém uma pequena marcenaria ao lado de sua casa, a qual fez questão de me apresentar, de forma prazerosa identificando os objetos e as ferramentas. Também mostrou com toda sua educação e satisfação a sua casa de farinha , mencionando como construiu alguns equipamentos nela existentes.



*Foto 6. Casa de farinha construída pelo senhor Vadu, estrutura atual (2022).*

*Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.*

Aprendi a fazer as casas de farinha, eu desconheço quem faz melhor do que eu, por que eu faço a prensa e o parafuso. Tem aí para eu lhe mostrar, para não dizer que é história, tudo da casa de farinha eu sei fazer, a prensa eu fiz uma em 3 dias, eu e outro carpinteiro, fiz no machado, na enxó e no formão, fiz com um tronco de jaqueira, a prensa seca a massa da mandioca para 2 sacos de farinha. Essa foi feita por mim. Fiz também uma em Aldeia para o parente de Juca Dias (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

Sobre as atividades agrícolas, o entrevistado enfatizou, que sabe fazer tudo da roça: planar maniva, cavar cova, capinar, fazer cerca, torrar farinha. Sobre a farinha de mandioca a maior quantidade produzida por ele foi 12 quartas (cada quarta tem 20 litros), iniciando 4 horas da manhã e terminando as 7 da noite, sendo todo o processo de produção realizado na sua própria casa de farinha.<sup>6</sup> Já a comercialização do produto era realizada na feira do Jordão ou de Muritiba.

---

<sup>6</sup>A casa de farinha (foto 8), mencionada pelo senhor Vadu, é uma daquelas artesanal ou manual. Oportuno definir alguns termos existentes em uma casa de farinha dessa: raspar a mandioca – tirar a casca da raiz; cevadeira – tritura a mandioca transformando em uma massa; cocho - onde a massa cai após a raiz ser triturada e/ou que a massa é cessada; prensa – objeto onde a massa é colocada para retirar a água ou enxugar, geralmente feita de madeira de jaqueira com uma tampão no meio, o qual é ligado à viga por um cepo que é apertado até retirar toda água da massa da mandioca; viga – um grande pedaço de madeira em formato cilíndrico, que é utilizado para apertar a prensa, através de um tronco com um furo no meio, sendo movimentado com um pedaço de pau por uma pessoa, até o limite desejado; forno - feito de barro, serve para torrar a farinha ou secar a massa, contém uma abertura externa por onde o fogo é aceso com lenha; cepo – um pedaço pequeno de madeira que é colocado entre a prensa e a viga; peneira – geralmente feita de palha de licuri, serve para peneirar a massa seca; rodo – feito de madeira, utilizado para mexer a farinha dentro do forno até ficar torrada. Hoje já existem casas de farinha totalmente mecanizadas, que produzem em escala industrial (grifos meus). A casa de farinha é o que podemos chamar de “lugar de memória” no cotidiano dos farinhaeiros e onde a relação entre as coisas e os homens vai se moldando na prática e nas maneiras de usar ferramentas que, ao mesmo tempo em que são marcadas pelo uso humano, também delimitam a ação do homem que tende a se adaptar, “conscientemente ou não” à estrutura do objeto (ARAÚJO, p. 338, 2016).



*Foto 8. Senhor Vadu, aos 97anos capinando mandioca (2017).  
Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.*

Por sua vez, o dinheiro adquirido com a venda da farinha ajudava no sustento da família, comprando gêneros alimentícios de primeira necessidade. Também, chegou a plantar fumo, que era vendido para os armazéns de Cruz das Almas. O plantio do tabaco era custeado com dinheiro que tomava no banco do Brasil, da cidade de São Félix, financiamentos que pagou sempre na data determinada pela agência bancária.

No que se refere à história alimentícia no Brasil, existem diversos estudos que analisam a importância e valorização da mandioca, da qual derivam vários alimentos: beiju, goma, tapioca, bolos e a farinha, sendo este último o principal. A farinha de mandioca foi e continua sendo um produto fundamental na mesa dos brasileiros, especialmente na região Nordeste e Norte. De origem indígena, tornou-se essencial em qualquer cozinha baiana a partir do período colonial, como afirmou o historiador Barickman:

Contudo, por mais variada ou até rica que pudesse ser a cozinha baiana, o trivial dos moradores de Salvador resumia-se a um pequeno número de gêneros. Entre eles, o principal era a farinha de mandioca. Sob este aspecto, a dieta da maioria dos baianos assemelhava-se àquela que era consumida até recentemente em muitas sociedades predominantemente agrícola (BARICKMAN, 2003, p. 90).

Em 1942, o senhor Vadu foi trabalhar na construção de uma ferrovia na região do rio de Contas, sendo contratado pela Companhia Comprido Santiago, recebendo cinco mil réis<sup>7</sup> por dia, exercendo as profissões de socador de dormentê<sup>8</sup> e mestre de linha. Também trabalhou enchendo a prancha com terra que era utilizada na construção da estrada de ferro. Assim, ele destaca que: “trabalhava no tempo de Manoel Marques, o qual ficava em Santo Amaro, ele empreitava uma légua de estrada de ferro para fazer, não havia trator, tudo era feito pelo braço do homem” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

A ferrovia citada pelo depoente, é a Estrada de Ferro Central da Bahia, uma reivindicação de políticos baianos durante o Império, para interligar as regiões do Recôncavo (produtora de alimentos), especialmente as cidades de Cachoeira e São Félix, a Chapada Diamantina (produtora de diamantes). A construção da

---

<sup>7</sup>Essa moeda já circulava no Brasil desde a época da colonização. Quando veio a independência, em 1822, o réis foi mantido como nossa unidade monetária até 1942, sendo substituída pelo cruzeiro. O nome derivado do real, a unidade monetária de Portugal nos séculos 15 e 16 (Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantas-moedas-o-brasil-ja-teve>. Acesso em 25/06/2023).

<sup>8</sup>Dormentes são as peças retangulares colocadas transversalmente à via férrea e sobre as quais os trilhos assentam e são fixados, este item tem como objetivo não permitir que a bitola se alargue, ou seja, manter a bitola em seu tamanho padrão, e também tem como objetivo suportar os esforços aplicados pelo trilho e dissipá-los sobre o lastro. Os dormentes podem ser produzidos de vários materiais, sendo os mais comuns o dormente de madeira, dormente de aço, dormente de concreto e dormente de polímeros (Disponível em: <https://www.brasilferroviario.com.br/dormente/>. Acesso em 25/06/2023).

ferrovia passou por várias etapas, sendo “a segunda a ser construída na província da Bahia, chamada inicialmente, Paraguassú Steam Tram-road Company Limited (1865) e Brazilian Imperial Central Bahia Railway Company Limited (1875). Essa estrada, efetivamente foi integradora, ligando o Recôncavo ao alto Sertão” (ZORZO, p. 102, 2000). Em 1902 o governo resgata a empresa e arrenda a Austriciano Honório de Carvalho e Jeronimo Teixeira de Alencar. Senhor Vadu, participou da última etapa da construção, ligando o Recôncavo à região de Montes Claros em Minas Gerais.

Ainda, trabalhando na construção da ferrovia, recebeu um convite para prestar serviços em uma marcenaria na cidade de Contendas do Sincorá, a qual pertencia ao senhor Antônio Rodrigues, também proprietário da Pensão do Rosário, onde o senhor Vadu ficou hospedado. Trabalhou três meses como marceneiro, fabricando camas, armários, guarda-roupas e outros tipos de móveis em madeira, recebendo o valor de 6 mil reis por dia, mil a mais do que ganhava trabalhando na estrada de ferro. Em relação às atividades desenvolvidas na marcenaria,<sup>9</sup> destacou que:

Quando eu peguei a trabalhar a madeira era uma moranga de cheiro, uma beleza para trabalhar. Ai eu meti a enxó, fiz como era para fazer e meti o serrote como eles explicaram para fazer, quando foi de tarde, o patrão, o dono, pegou as peças viu que estavam corretas, olhou as tábuas, viu que estavam certas,

---

<sup>9</sup> O trabalho realizado em uma marcenaria é o de transformar madeira em móveis ou outros produtos, em objetos de utilidade e ainda funcionar como decoração de ambientes. Embora seja uma das profissões mais antigas do mundo, a marcenaria não ficou parada no tempo. Tanto que atualmente os profissionais dessa área utilizam, principalmente, laminados industrializados (madeira), como o compensado, o aglomerado, o MDF, a fórmica, as folhas de madeira etc. O profissional responsável por essas atividades, é chamado de marceneiro. (Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-uma-marcenaria>.. Acesso em 25/06/2023).

desempenadas, disse: você fica, mas só lhe pago 6 mil réis. Na estrada de ferro eu ganhava 5 e dormia pelo mato com medo até de onça (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

Senhor Vadu, também relatou que trabalhou 15 dias para o senhor Antônio do Rosário em um garimpo no rio de Contas, chamando atenção para as condições de trabalho nesse local: “fiz uma ruma de cascalho, carregando nessa cabeça de lá de dentro do rio, que quase tira o cabelo de minha cabeça, carregava em uma caixa chamada calumbé<sup>10</sup>” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022). Em seguida foi lavar o cascalho no rio, usando um objeto chamado de bateia<sup>11</sup>, conseguiu garimpar um diamante pequeno (mosquito), o qual o senhor Antônio Rosário vendeu por 20 mil réis, ficando 10 mil para o senhor Vadu e o mestre da garimpagem e os outros 10 para o senhor Rodrigues, que supria os garimpeiros com alimentação e alojamento.

Insatisfeito com o trabalho no garimpo, senhor Vadu pediu para vir embora. O senhor Antônio Rosário, aceitou o pedido, porém escreveu uma carta de recomendações, endereçada ao administrador da construção de uma ponte sobre o rio de Contas, visando a admissão do senhor Valdomiro Rezende, conseguindo trabalhar nove meses nessa obra como ajudante de carpinteiro, recebendo o valor da diária de 6 mil réis, com carteira assinada, direito trabalhista que não lhe foi garantido nas atividades anteriores.

---

<sup>10</sup>Vasilha ou gamela cônica para conduzir o cascalho à lavagem, nas catas de ouro ou diamantes nos garimpos. (Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/aZYN/calumb%C3%A9/>. Acesso em 26/06/2023).

<sup>11</sup>Uma bateia é um utensílio usado na mineração em pequena escala, geralmente em depósitos de sedimentos em  cursos de água, para a obtenção de concentrados de minérios metálicos, sobretudo os preciosos, como o ouro ou diamante. (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bateia>. Acesso em 26/06/2023).



*Foto 9. Construção da ponte sobre o rio de Contas, década de 1940, Senhor Vadu, trabalhou nessa obra como ajudante de carpinteiro.*

*Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.*

Bom salientar, que o contexto histórico em que o entrevistado desenvolveu as atividades profissionais elencadas acima, é bastante movimentado. A nível internacional, acontecia a Segunda Guerra Mundial, já no Brasil, encontrava-se em curso o Estado Novo (1937-1945), quando Getúlio Vargas se transformou em um ditador e o país viveu um período de censura, torturas e perseguições políticas. Nesse período aconteceu a Consolidação das Leis Trabalhistas, aprovadas na Constituição de 1934, dentre as quais destacam-se: a criação do salário mínimo, jornada de trabalho de oito horas por dia, carteira de trabalho, férias, licença a maternidade e aposentadoria por tempo de serviço, evidenciando a concepção do trabalhismo criada por Vargas, ou seja, conceder benefícios aos trabalhadores, bem como fazer propaganda dessas concessões.

Após transitar por essas atividades profissionais e passar por diversas dificuldades trabalhando, senhor Vadu, retornou para a localidade do Jordão, passando a atuar na profissão de carpinteiro, sendo reconhecido como um qualificado profissional, procurado por vários moradores da região em que residia para realizar serviços

nessa área, fazendo valer o título desse livro: “não tinha um martelo como o meu”. Também, conciliou com a carpintaria até se aposentar, as atividades de marceneiro, profissão que aprimorou com Luiz Cardial, no povoado do Jordão, chegando a fabricar camas, mesas, bancos, guarda-roupas e armários, sendo que as tábuas para o fabrico desses móveis, comprava no comércio de Aurino Machado, localizado no citado povoado.



**Foto 10.** Senhor Vadu, praticando a profissão e marceneiro (1986).  
Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.

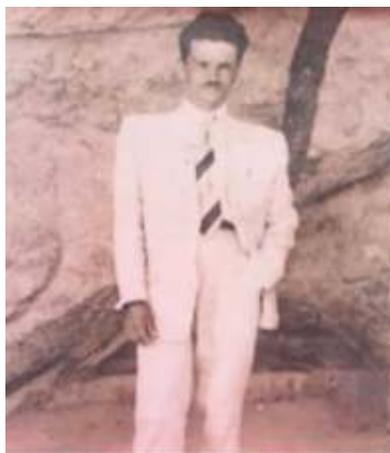


**Fotos 11 e 12.** Armário (1986) e cama (1990) produzidos pelo senhor Vadu, exercendo a profissão de marceneiro.  
Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.

## FESTAS E OUTRAS DIVERSÕES

Quanto às festas, senhor Vadu, iniciou a narrativa mencionando a arte de tocar sanfona de oito baixos praticada pelo seu pai, animando casamentos, os festejos natalinos e juninos tocando músicas como valsa, tango, bolero, manzuca, xote e arrasta pé. Além disso, citou as rezas de Cosme e Damião, que existiam no Jordão, as quais eram sucedidas de muito caruru e samba. Também, afirmou que não perdia a boa festa de Nossa Senhora da Conceição (08 de dezembro) na casa da avó do professor Borges, Madalena Medeiros, na atual localidade de Brejos.

Alertou ainda, a sua preocupação com a elegância física, usando sempre paletó e gravata para ir a uma festa, veste costurada naquela época pelo renomado alfaiate (pessoa que faz roupas para homens), Abílio Aragão, que tinha sua alfaiataria na Vila de Cabeças, aliás, elegância essa que faz questão de manter até os dias atuais. Por outro lado, afirmou que era muito difícil ter violência nessas festas.



*Foto 13. Senhor Vadu vestido com um terno, traje exigido para homens participarem de uma festa.*

*Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.*

Para além das festas, o senhor Valdomiro Rezende, divertia-se caçando, informou que caçava em vários lugares, até no município de Ibotirama, acompanhado dos senhores Florisvaldo Tosta Bonsucesso e Aloísio Gomes Machado, quando em um dia conseguiram caçar 50 aves chamada de perdiz.<sup>12</sup> Também, era amante de uma pescaria, que fazia de tarrafa no rio Paraguaçu. Pescava peixes como robalo, acari e piau. Também chegou a comprar uma sanfona para aprender a tocar músicas de forró, porém não teve muito sucesso. Além disso divertia-se indo para a feira do Jordão no seu veículo Jeep, sendo os motoristas os seus filhos Aderbal e Benedito, além de encontrar entretenimento nos programas da rádio Vox de Muritiba e produzir alguma arte em sua marcenaria.

De formação católica, senhor Vadu, ainda quando morava na localidade do Cipoal, frequentava as missas na Igreja da Vila das Cabeças, as quais eram celebradas pelo rígido padre Olavo da cidade de Muritiba. Chegou a integrar o grupo Coração de Jesus, gostava de participar das festividades religiosas de Santo Antônio no povoado do Jordão, as rezas de Cosme e Damião no mês de setembro nas residências de moradores daquela localidade, hábitos religiosos que manteve quando passou a residir na comunidade de Quixabeira. Outra devoção, era a participação anual das romarias para o santuário de Bom Jesus da Lapa, sendo o deslocamento de caminhão (pau de arara), que pertencia a Rosalvo Borges. A viagem durava 8 dias: 3 para ir, 3 para voltar e mais 2 dias no santuário. Outra comemoração religiosa, que até hoje ele realiza com os familiares, é a do Natal.

---

<sup>12</sup>“A **Perdiz** é uma ave campestre de grande porte de coloração parda que anda pelo chão, onde faz os seus ninhos e coloca de doze a dezoito ovos, chega a medir 40 centímetros de altura. Habita em regiões campestres com pastagens de vegetação rasteira. A **Perdiz** põe em média 12 ovos, que demoram cerca de 23 dias a eclodir, nascendo depois os perdigotos, que nessa fase são essencialmente insetívoros” (Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/animais/perdiz#:>. Acesso em 11/07/2023).



*Foto 14. Senhor Vadu em frente à Igreja de Bom Jesus Lapa (2005).  
Foto 15. Senhor Vadu ao lado de sua filha Maria Angélica e os bisnetos  
Maisa e Rafael (Natal de 2023).  
Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.*

Senhor Vadu também relatou que os casamentos eram acompanhados de muita festa, que se prolongava por mais de um dia. Destacou, que a fotografia era algo raro na região nas décadas de 1940 a 1960, assim os noivos primeiro se casavam em suas localidades ou cidades, depois levavam as roupas do casamento para se arrumarem na casa do fotógrafo, geralmente na cidade de Cachoeira, onde realizavam as fotografias, as quais eram em preto e branco e de um custo financeiro elevado. As imagens selecionadas abaixo revelam a riqueza de detalhes nos trajes dos noivos, bem como a posição estabelecida na época para o casal na foto, a mulher sentada e o homem em pé.



*Foto 16. Casamento do irmão de senhor Vadu – Aureliano de Souza Rezende e Paulina de Azevedo Rezende, 19/06/1954.  
Foto 17. Casamento (1957) da irmã de senhor Vadu, Anatália de Souza Rezende com o senhor João Lourenço da Silva  
Foto 18. Casamento da irmã caçula do senhor Vadu, Áurea Damiana Silva de Souza, com o senhor Pedro Alves de Souza, 1960.  
Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.*

## A VILA DE CABEÇAS: O COMÉRCIO E OUTRAS HISTÓRIAS

No seu depoimento, senhor Vadu apresentou informações relevantes acerca do comércio da Vila de Cabeças,<sup>13</sup> relatando os nomes dos principais estabelecimentos e seus proprietários. Segundo Silva (2004), Cabeças se transformou em distrito de Cachoeira em 1881, através da lei provincial 2.149, em 1889, com o emancipação política de São Félix, o território da Vila foi incorporado a esse novo município. Já em 1919, com a transformação de Muritiba em cidade, Cabeças passou a fazer parte dessa nova estrutura administrativa.

Em 14 de março de 1962, motivada pela luta de políticos e de setores da sociedade local, a Vila de Cabeças alcançou sua emancipação política, através da lei estadual n.º 1.639, passando a ser chamada de município de Governador Mangabeira,<sup>14</sup> em homenagem ao ex governador da Bahia, Otávio<sup>15</sup> Mangabeira (1886-1962), pois a origem do nome Cabeças, segundo o imaginário popular, remetia a uma chacina, algo que não agradava

---

<sup>13</sup>Conforme estudos realizados pelo professor Luís Carlos Borges da Silva (2004), o nome Cabeças, foi vinculado ao imaginário popular, em função de Cabeças que foram decepadas e colocadas em pontas de estacas na estrada que cortava a Vila, ligando a cidade de Cachoeira, então as pessoas que passavam por ali, começaram a denominar o local de Cabeças. Essa chacina, segundo o memorialista, Antônio Pereira da Mota Júnior, foi derivada do banditismo da época colonial, já a memorialista Angelita Gesteira associou o nome às cabeças de bandeirantes ou portugueses, decepadas por indígenas e colocadas naquele local.

<sup>14</sup>O município de Governador Mangabeira está localizado na região do Recôncavo Baiano, distante 138 KM de Salvador, possui uma extensão territorial de 106,848 km<sup>2</sup>. De acordo ao censo 2022, possui 20.605 habitantes, sendo que a maioria da população reside na zona rural. Quem nasce em Governador Mangabeira é chamado de mangabeirense.

<sup>15</sup>Otávio Mangabeira nasceu em Salvador a 27 de agosto de 1886 e faleceu em 29 de novembro de 1960, exerceu as funções de Vereador da cidade de Salvador, Deputado Federal (7 vezes), Ministro das Relações Exteriores do governo de Washington Luís, governador da Bahia e Senador. Experimentou o exílio duas vezes: durante a Revolução de 1930 e no Estado Novo. No seu mandato de governador, realizou obras como: o aeroporto 2 de Julho, estádio da Fonte Nova e Escola Parque. Na vila de Cabeças construiu a Escola Reunidas José Bonifácio.

as lideranças políticas da Vila.

O entrevistado, mencionou que o comércio de maior influência era o de Manoel Pedro Nunes, localizado onde é hoje a Praça principal da cidade. Esse comércio foi assaltado duas vezes, levando carne, bacalhau e uma boa quantidade em dinheiro. Também, destacaram-se como comerciantes: Malaquias Ferreira, Antônio Cerqueira (Antoninho) e Aloísio Fonseca, este último, “vendida muita carne de boi, sendo que dia de domingo a carne era mais barata, o povo reunia e comprava tudo, a chamada carne virada” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022). Já na praça dos Pontos (atualmente praça da Bandeira), o depoente afirmou que o principal comércio era de Domingos Pereira, denominado de 2 de Julho. Esse comerciante era o pai de Edvaldo Pereira, que exerceu a função de Tabelião por muitos anos na cidade de Governador Mangabeira.

Senhor Vadu, também destacou as atividades realizadas por João Altino da Fonseca<sup>16</sup>, atividades essas comandadas pelo seu sobrinho Carlindo Fonseca, as quais consistiam no beneficiamento de fumo em seu armazém e exportação do produto para a Europa. João Altino chegou a ser considerado o homem mais rico da região, com fazendas (Cantagalo e Brioso) e moradias de luxo na sede da Vila e em Salvador. O poder econômico dele era tão forte, que pediu para a rodovia estadual (BA) passar por dentro da Vila, que

---

16

Em minha monografia de especialização de 2004, “A Vila e Coronel: poder local na Vila de Cabeças (1930-1962)”, realizada na UNEB (Campus V – Santo Antônio de Jesus), pessoas que entrevistei também falaram do poder econômico e social de João Altino da Fonseca (1883-1957). Dentre elas destaco: Efraim Nunes Fonseca, Malaquias Ferreira, Sebastião dos Santos e Rosália Pereira Barbosa, símbolos de poder expressos em diversos aspectos: a construção da Igreja, a energia elétrica para passar no centro da Vila, o calçamento da frente do armazém de fumo, o primeiro telefone instalado em Cabeças, doações de alimentos para as pessoas, os móveis de sua residência e as viagens realizadas para o exterior pelo coronel Fonseca e sua esposa Clementina.

hoje é conhecida como estrada da CHESF, que sai na localidade do Velambui, próximo a cidade de Muritiba,<sup>17</sup> sendo na época a única opção para deslocamento terrestre dessa região para Salvador. De fato, outros estudos revelam o poder econômico do coronel Fonseca, como menciona na monografia de especialização de 2004: “A Vila e Coronel: poder local na Vila de Cabeça (1930-1962)”.

Aproximadamente em 1910, João Altino, passou a desenvolver a atividade de comerciante de tabaco, possuindo um dos armazéns mais famosos da região do Recôncavo. Sua empresa – João Altino Exportadora de Fumo, fazia o beneficiamento e exportava para Alemanha anualmente mais de 50 mil arrobas do produto (...) Possuía um contingente de mais de 100 empregados, tanto do sexo masculino como feminino. Os lucros com a exportação eram enormes, propiciando um acúmulo de capital extraordinário ao passo de ser considerado como o homem mais rico do vale do Paraguaçu (SILVA, 2004, p. 34, ).



**Foto 19.** Do lado esquerdo o armazém de fumo que pertencia a João Altino (década de 1970), hoje loja de móveis Joseane, em frente ao supermercado Baratão.

**Foto 20.** Armazém de fumo que pertenceu a família Fonseca, localizava-se em frente à Prefeitura, suas atividades foram encerradas no início da década de 1990. Posteriormente o prédio foi demolido.

**Fonte:** arquivo particular de Luís Carlos Borges da Silva

<sup>17</sup>O município de Muritiba, está localizado na Região do Recôncavo Baiano. Segundo o memorialista Nelson Brito (2012), o município deriva-se da freguesia do Alto São Pedro da Muritiba, alcançando a emancipação política em 08 de agosto de 1919. Quanto à origem do nome Muritiba, outro memorialista, Anfilóbio de Castro atribui a existência de várias Palmeiras (buriti) na região, uma palavra de origem indígena, que com o passar do tempo o b foi substituído pelo m, ficando Muritiba.

Esse poder econômico da Vila de Cabeças, expresso pelo nosso depoente, também foi observado na mencionada monografia, ou seja, “o beneficiamento do tabaco transformou a Vila de Cabeças em um centro urbano de prestígio no Recôncavo Baiano. Em 1950 a população da Vila era de 819 habitantes, residindo em mais de 300 domicílios” (SILVA, 2004, p. 51). O memorialista muritiba, Anfilóbio de Castro, em 1941, descreveu a estrutura econômica da Vila assim: “Cabeças, dá-lhe vida o seu comércio de fumo, de grande vulto e o de portas abertas, com armazéns de secos e molhados, padaria, farmácia e lojas de fazenda. Tem agência Postal e três escolas de ensino primário” (In: SILVA, 2004, p. 16).

Para além dos estabelecimentos comerciais mais importantes, senhor Vadu relatou outras histórias do cotidiano na Vila de Cabeças. Sobre a punição aos ladrões, mencionou que existia um soldado chamado de 12 homens, que colocava uma corrente de 2 metros no pé do assaltante e o obrigava a capinar o jardim da praça, vigiando o infrator com um instrumento de castigo chamado de “binga de boi” (chicote feito com o pênis do boi), salientando que nesse época, a cadeia ficava na Praça, próximo onde funciona o comércio de produtos agrícolas, denominado de “O Boiadeiro”. Também mencionou que na praça Castro Alves, onde hoje se encontra instalado um comércio de frutas e verduras, existia um posto de gasolina, cuja a bomba funcionava de forma manual, bem como as três palmeiras<sup>18</sup> plantadas em frente à Igreja Católica, sendo que esse templo era iluminado através de um lampião a carbureto.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> “Segundo a tradição oral, as três palmeiras foram plantadas por moradores da então Vila de Cabeças na década de 1920. No contexto histórico da emancipação política da Vila de Cabeças (14/03/1962), as três palmeiras chegaram a ser mencionadas pelos moradores para a denominação da nova cidade. Dessas palmeiras, hoje só existe uma, as outras duas, uma o raio matou e a outra foi cortada pela prefeitura por motivo de doença” (Disponível em: <https://www.professorborges.com.br/2022/02/palmeiras-da-praca-castro-alves-da.html>. Acesso em 06/07/2023).

<sup>19</sup> “Carbeto de cálcio, popularmente chamado de carbureto de cálcio e muitas vezes apenas como “carbureto”, é o composto químico com a fórmula  $\text{CaC}_2$ . O funcionamento do lampião de carbureto era relativamente simples: No cilindro inferior coloca-se carbureto. No superior, água, que irá gotejar no cilindro que se encontra o carbureto, reagindo quimicamente e gerando o gás acetileno e consequentemente uma luz a base de fogo, que iluminava o ambiente” (Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lampio%C3%A3o\\_de\\_carbureto#:~:text=Acesso em 06/07/2023](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lampio%C3%A3o_de_carbureto#:~:text=Acesso em 06/07/2023)).



*Foto 21. Praça Casto Alves (Governador Mangabeira, décadas de 70 e 80, a presença das três palmeiras em frente à Igreja Matriz.*

*Foto 22. Praça Casto Alves (Governador Mangabeira, décadas de 70 e 80, sentido rua César Martins (Bananeira) e a presença de um coreto ao lado da Igreja Matriz.*

*Fonte: arquivo partícula de Luís Carlos Borges da Silva.*

O depoente também fez menção às festas realizadas na Vila, destacando aquela organizada pela senhora Maria Perpétua, “ela fazia o presépio de Natal, eram mais de 20 moças, para cantar, sair na rua marchando, batendo um negócio chamado castanhola. Era muito bom o Natal das Cabeças, rodava a praça ia até a rua da Bananeira, era muito animado” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022). Segundo, o entrevistado essas festas eram animadas pela filarmônica 5 de Março da cidade de Muritiba, que se apresentava no coreto que ficava no fundo da Igreja Matriz. Acerca dessa festa, o Jornal A Defesa, da cidade de São Félix, em 1930, publicou a seguinte matéria:

Correram animadas as festas natalinas no arraial de Cabeças. Via-se na Praça em frente à Igreja, aqui e ali várias Kermesses e pontos de diversões outros. Do palanque erguido à Praça, a Filarmônica 5 de março de Muritiba deleitou os convívios festivos com peças interessantes e chistosas. Compartilhou o menino Deus, o bem organizado terno de Presépio, o qual se apresentaram sobre a direção da Senhora Dona Maria Perpétua, irmã do Coronel Deocleciano Servilha da política local. A missa do galo teve lugar à meia noite, com assistência de 1000 fiéis (In: SILVA, 2004, p. 68).

Ainda o senhor Vadu lembrou das marcas dos carros que os homens de maior poder aquisitivo da Vila possuíam, sendo que João Fonseca e Martiniando Dias, tinham um Chevrolet, Anísio de Matos e Deocleciano Servilha era um Ford 28. Recordou ainda que as pessoas viajavam para Salvador na marinete (ônibus da época) de Artur Brandão da cidade de Muritiba, também que a maior parte da Vila não era calçada, bem como a visita que sua professora organizou para verem as obras da construção da estrada (BA) que a pedido do coronel João Altino da Fonseca passou por dentro da Vila.

Outro fato importante, mencionado pelo entrevistado, consiste na existência de um grupo de seguidores na cidade de Muritiba do movimento fascista denominado de Integralismo<sup>20</sup>, com ramificações na Vila de Cabeças e no povoado do Jordão. De fato, pesquisas historiográficas recentes demonstram a forte presença dessa corrente ideológica conservadora no Recôncavo Baiano na década de 1930, com destaque para os estudos do historiador, Alex de Jesus Oliveira, enfatizando que:

no Recôncavo, o Integralismo foi bastante assimilado, e isso aconteceu devido uma grande propaganda e proselitismo dos militantes em suas divulgações, mas nada foi tão eficaz quanto o assistencialismo. Cidades como Cachoeira, São Felix, Muritiba, Cruz das Almas, São Felipe, Nazaré das Farinhas, Santo Amaro e Maragogipe foram palcos das passeatas e eventos de aglomeração em atos integralistas no Recôncavo (OLIVEIRA, 2023, p. 148).

---

<sup>20</sup>O integralismo surgiu na década de 1930, sendo o seu principal líder o jornalista Plínio Salgado. Era um movimento político, que defendia um nacionalismo exacerbado, o anticomunismo e antisemitismo, possuía como lema: “Deus, Pátria e Família”, usavam sempre uniformes verdes, ficando conhecidos como “camisas verdes”, utilizavam como saudação o termo tupi “Anauê” e como símbolo a décima letra do alfabeto grego – Σ. Em 1932, os integralistas fundaram a Ação Integralista Brasileira (AIB), que se espalhou por várias partes do país, inclusive no Recôncavo Baiano, conforme pesquisa do historiador Alex de Jesus Oliveira.

Essas ricas informações presentes na memória do senhor Vadu, acerca da Vila de Cabeças, demonstram a importância dos estudos voltados para a História Local e Regional, quando permitem vislumbrar aspectos históricos específicos e particulares. Um conhecimento histórico próximo da realidade de vida de homens e mulheres, aquela narrativa de um passado morto e sem significado para os cidadãos, é substituída por uma concepção dinâmica e diversificada, em que o passado torna-se imediato e associado ao cotidiano das pessoas, sem perder de vista a conexão com uma concepção geral da História.

## O POVOADO DE GEOLÂNDIA (JORDÃO): A FEIRA E OUTRAS HISTÓRIAS

Em 1941, a família do senhor Vadu se transferiu da localidade do Cipoal para o povoado de Geolândia, também conhecido como Jordão, hoje é um distrito do município de Cabaceiras do Paraguaçu.<sup>21</sup> No Jordão, Valdomiro Rezende casou-se e teve seus primeiros filhos, também iniciou suas atividades como carpinteiro. O primeiro tema, que sua memória fez questão de elucidar acerca do citado povoado, foi a feira livre,<sup>22</sup> afirmando que a mesma já existia antes da sua chegada àquela localidade, funcionando no dia de domingo, bem como a boa qualidade da feira até os dias atuais.



*Foto 23. Feira livre do Jordão, 8 de janeiro de 1950. No centro a laranjeira citada pelo senhor Vadu.*

*Fonte: arquivo particular de Faraildes Cerqueira da Silva da Silva*

<sup>21</sup> De acordo ao site oficial da prefeitura, antes de se tornar município em 13 de junho de 1989, Cabaceiras do Paraguaçu, pertencia a Muritiba. Foi na fazenda Cabaceiras, que nasceu em 14 de março de 1847, o poeta Castro Alves. Segundo os dados do IBGE, atualmente o município possui 16.559 habitantes e uma extensão territorial de 222,026 km<sup>2</sup>. Também, está localizado na região do Recôncavo Baiano, sendo banhado pelo rio Paraguaçu. Geolândia (Jordão) é o principal distrito do município, possuindo um expressivo comércio e uma forte feira livre, visitada por várias pessoas das localidades circunvizinhas e até mesmo de outras cidades.

<sup>22</sup> As primeiras referências às feiras aparecem em meio ao comércio e às festividades religiosas. A própria palavra latina feria, que deu origem à portuguesa feira, significa dia santo, feriado. Têm origem na Europa durante a Idade Média e tiveram papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial do século XIII. No Brasil, o costume veio com os portugueses e há registros de feiras desde a época colonial. Existia a presença das populares quitandas ou feiras africanas, que eram mercados em locais preestabelecidos que funcionavam ao ar livre (GUIMARÃES, 2010, p. 5-6).

A feira funcionava debaixo de um pé de laranja grande, ali o povo pendurava as carnes de carneiro e porco para vender, para a carne de boi existiam os açougues, também as pessoas arriavam os sacos de farinha pelo chão para vender, a feira era ali em roda da Igreja, era uma feirinha, mais era boa, vinha gente de tudo quanto é canto, era o lugar que mais vendia feijão na região era o Jordão. Feira do interior não tem uma igual à do Jordão, na feira o que você procura acha (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

Também, no Jordão, chegou a exercer a função de juiz de paz, realizando oito casamentos. Sempre trajando terno e gravata, deslocava-se até o local do casamento em uma bicicleta Philips, comprada na Loja Três Américas, na cidade de Muritiba, a qual possuía um farol (National), que iluminava com energia produzida por um dínamo<sup>23</sup> instalado ao lado do pneu. Esses casamentos eram regados a muita comida e bebida. Contou de forma divertida, que em um desses matrimônio, ficou bastante tonto após ter ingerido um copo de cerveja, uns goles de vinho e de uma bebida chamada Martini, teve dificuldades para chegar em casa, uma vez que não tinha o costume de tomar bebida alcoólica.

O casamento foi no caminho das Cabaceiras. Fiz a ata do casamento, daí eu não bebia nada, não sabia beber, aí me chamaram lá para dentro, muita gente, aí me deram um copo de cerveja, eu tomei, mas eu não

---

<sup>23</sup>Um dínamo é um gerador elétrico que converte energia mecânica em energia elétrica. Em uma bicicleta, o dínamo é conectado a uma das rodas e é acionado pela rotação da mesma. Quando a roda se movimenta, ela faz girar uma série de ímãs no dínamo. Este movimento cria um campo magnético que, por sua vez, induz um fluxo de elétrons em um circuito fechado, produzindo assim energia elétrica (Disponível em: <https://guiadasbicicletas.com.br/dinamo-de-bicicleta-como-funciona/>. Acesso em 11/07/2023).

bebia, meu pai criou a gente fora desse negócio de bebida e fumar, daí a pouco vem outras coisas, uma bebida que chamava Martini e o vinho, eu gostei daquele vinho e tomei uma conchada, sem saber beber (risos), aí me deram mais uns doces, eu comecei a ficar tonto, eu disse: vou embora, peguei a bicicleta, um rapaz do Jordão, que seu Aurino criou me acompanhou, eu entrei para minha casa e ele foi para o Jordão. Eu cheguei em casa bati na porta, a mulher abriu a porta, quando eu entrei, empurrei a bicicleta para lá, cheguei na cama sentei, nem o sapato tive como tirar (risos), a mulher agarrou o sapato e jogou para lá, vomitei tudo. Eu disse: nunca mais caio em outra dessa - risos (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

Além disso, afirmou que no Jordão, existia um gerador para produzir energia e que o primeiro rádio da localidade foi de propriedade do fazendeiro Aurino Machado o qual, segundo Silva (2004), exercia forte influência política e econômica na região, ao ponto de liderar um abaixo-assinado com 459 assinaturas, contrário a possibilidade de Geolândia se tornar município juntamente com a Vila de Cabeças. O documento foi registrado no livro de Atas da Câmara de Vereadores de Muritiba em 15 de agosto de 1961.

(...) vimos mui respeitosa e protestar contra a inclusão do nosso Distrito como parte integrante do novo município, em que pese a honra do insigne nome escolhido. Reconhecemos a justa e natural pretensão do povo de Cabeças. Não criamos obstáculos às aspirações do nosso progressista irmão distrital na luta pela vitória de sua almejada autonomia. Contudo o povo de Geolândia pela unanimidade de seus habitantes e eleitores prefere a sua continuação como parcela do município de Muritiba. Dela nasceu, com ela morrerá. Esta é a nossa vontade (In: SILVA, 2004, pp. 52-53).

Segundo senhor Vadu, existia uma rivalidade entre

moradores do Jordão e de Cabeças, muito em função de uma hegemonia econômica e social, uma vez que nas duas localidades viviam poderosos fazendeiros e comerciantes. Salientou, que a maioria da população do Jordão era formada por brancos e fazendeiros, sendo que sua família sentiu dificuldades quando foi morar naquele povoado, pois não era detentora de poder aquisitivo elevado. Também revelou que alguns moradores de Cabeças para diminuir a população do Jordão, criou a expressão “amarelos do Jordão”, algo que irritava a população daquela comunidade.

Além disso, o depoente lembrou dos qualificados festejos que aconteciam na casa do senhor João Moreira, sendo que para participar da festa os homens tinham que usar paletó, quem fosse vestido com camisa, não entrava. Também, mencionou a atividade de cabeleireiro realizada pelo seu irmão Dário (Reizinho), o qual classificou como um “cabeleireiro de classe”, sendo bastante procurado por moradores do Jordão para cortar cabelo, arte que aprendeu com Antônio Fernandes de Almeida e mais tarde casou-se com a filha desse senhor.

Concluindo seus relatos sobre o Jordão, senhor Vadu,<sup>24</sup> salientou que o acesso ao povoado se dava pela Estrada Velha, a qual ainda passa pelas localidades de Queimadas, Pedrinhas e

---

<sup>24</sup>Na matéria “Estrada Velha do Jordão: lembranças e importância”, publicada no blog – professorborges.com.br, em fevereiro de 2018, o senhor Pedro Antônio Borges da Silva, que vivenciou o apogeu dessa estrada, assim descreveu a importância dessa artéria: “a centenária Estrada do Jordão, contribuiu imensamente para o povoamento e o crescimento de todo eixo entre a Vila de Cabeças e as localidades de Aldeia, Queimadas, Riacho dos Brejos, Pedrinhas, Tauá e o Jordão. Nesse contexto, não se pode esquecer das vendas de Nezinho Gomes, Turibo, Firmino (Firmo) e Rosalvo Borges, localizadas em Queimadas, essas que na década de 50 e 60 eram pontos obrigatórios para as pessoas que se deslocavam para a feira do Jordão. Também as luxuosas moradias da família Dias (Epifânio, Júlio e Gilberto), de Vavá Mascarenhas, o Sítio Alegre de Nezinho Gomes e avenida de casas de Antônio Borges com os diversos arrendeiros. A casa de farinha de Saturno Santana, a oficina de Roque Santeiro, onde se produziam majestosas imagens de Santos, as panelas e tachos de barro feitas por dona Almerinda, a venda de Dadinho, o açougue de Amado Moreira, o comércio de Alcides Santana e as tradicionais rezas na casa do casal Pacífico e Nenê (Disponível em: <https://www.professorborges.com.br/2018/02/estrada-velha-do-jordao-lembrancas-e.html>. Acesso em 30/05/2024).

Tauá, sendo que essa artéria contribuiu para o desenvolvimento econômico da região até a década de 1970, quando a forma principal de deslocamento para o Jordão passou a ser pela atual rodovia Jonival Lucas. Lembrou que nessa estrada foi construída uma ponte sobre o riacho dos Brejos e que em 1951, aconteceu um acidente nessa ponte com o caminhão de Rosalvo Borges, o qual transportava mercadorias e passageiros para o Jordão, acidente



*Foto 24. Estrada Velha do Jordão e a ponte sobre o riacho dos Brejos (2018)  
Fonte: arquivo particular de Luís Carlos Borges da Silva*

## A LOCALIDADE DE QUIXABEIRA

Em 1958, já com família formada, o senhor Vadu comprou um terreno na localidade de Quixabeira, construiu uma casa e passou a residir nessa comunidade, localizada no município de Governador Mangabeira, permanecendo nesse local até os dias atuais. Lembrou que a mencionada localidade “era muito pequena, quando eu passei a morar aqui, essa estrada levava uma semana para passar um caminhãozinho, os animais ficavam na estrada, era preciso tanger para o carro passar” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).



*Foto 25. Familiares e parentes reunidos nas bodas de prata do casal Valdomiro e Zumíria (1971).*

*Fonte: arquivo partícula de Maria Angélica da Silva R. da Mota.*

Ainda salientou, que naquela época, muitas pessoas da localidade de Quixabeira, trabalhavam em olarias, fabricando tijolos e telhas das comuns, misturando barro e água e depois colocando no forno para secagem, sendo comercializados em sua maioria na Vila de Cabeças, transportados em lombos de animais.

Naquele período, não existiam telhas e blocos vermelhos que são usados hoje nas construções de casas. Atualmente, em localidade próximas a Quixabeira, como Jacarezinho, Tocos I, II e III, algumas olarias mantêm o seu funcionamento, principalmente no fabrico de tijolos. Em relação as etapas do processo de produção dos tijolos, o jovem Luís Mariano Roma, que já trabalhou vários anos em olarias explicitou que:

A pessoa vai até a lagoa, local onde massa o barro (argila), cava ele todo. Caso esteja seco, molha. Quando tiver mole, corta ele todo fininho como se fosse o processo de molho. As pessoas chamam de traçar, corta miudinho, molha novamente, pisa várias vezes até ficar sem caroço nenhum, depois joga para fora da barroca e carrega em lombos de animais com auxílio de uma cangalha e dois panacuns ou em uma carroça até as olarias, onde será pisado novamente até ficar com liga. Depois tira-se os bolos do tamanho da forma, bate-se, corta-se com o farracho, bate-se de um lado e de outro e leva-se ao chão, passando o lado contrário da forma por cima, estando pronto. Deixa ele secar um pouco (foto 26) e horas depois vira de lado, empilha no forno, geralmente com capacidade de 4 a 10 mil tijolo. Faz-se o tapamento do forno e prossegue com a queimação, que dura em média 24 horas. Um forno de 4 mil tijolos consome em média 10 metros de lenha para fazer a queimação. Por dia, um trabalhador consegue produzir até mil tijolos, que depois de pronto é comercializado por R\$ 350,00 (ROMA, Luís Mariano Nascimento de, 2024).



*Foto 26. Olaria (localidade de Tocos III). Tijolinhos secando para depois serem levados ao forno.*

*Fonte: arquivo particular de Gusmão Junior Silva Ferreira*

Vale mencionar, que o povoado de Quixabeira é considerado um dos mais desenvolvidos do município de Governador Mangabeira, distante 10 km da sede. No seu entorno existem localidades como Carpina, Furtado, Jacarezinho, Meio de Campo, Tocos I, II e III. No centro da comunidade encontram-se instaladas três escolas: duas de ensino fundamental - anos iniciais (José Raimundo Gomes da Silva e Helenita Gomes da Silva) e uma de ensino fundamental – anos finais (CEPAVP – Centro Educacional Professor Agnaldo Viana Pereira), além de um Posto Médico, mercado municipal, uma praça e diversas pontos comerciais. A renda da maioria dos moradores dessas localidades origina-se da agricultura, principalmente através do plantio de mandioca, laranja, limão, milho, amendoim e fumo.

## A USINA HIDRELÉTRICA DE BANANEIRAS (GUINLE)

Nesse contexto da História Regional e Local, a memória do senhor Vadu, ainda revelou importantes informações acerca da Usina Hidrelétrica de Bananeiras, também conhecida como Barragem do Guinle<sup>25</sup>, na época localizada no território do município de São Félix, hoje município de Governador Mangabeira, na localidade com a mesma denominação, próxima as comunidades de Barroada e Aldeia. Contou que a barragem levou 10 anos para ser construída, que aos domingos, alguns trabalhadores tomavam vinho e jurubeba na venda do seu padrinho, que ficava na comunidade do Retiro, próxima ao local onde a barragem estava sendo construída, ainda acrescentou:

Tinha uma estrada de ferro que ligava São Félix ao Guinle, eram dois trens: um subia outro descia. Essa estrada sai de São Félix beirando o rio até dentro do Guinle, esses trens carregavam cimento, tábua, o que precisasse para a construção e carregavam os trabalhadores que moravam em São Félix. Quando era de manhã cedo subia cheio de homens para trabalhar, a tarde traziam os que trabalharam de dia e iam os que trabalhavam a noite, não parava não. Não cheguei a trabalhar lá não (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

---

<sup>25</sup>Segundo Hansen (2012), o termo Guinle, se refere a uma família de origem francesa, cujo patriarca foi Eduardo Palassin Guinle, que fundou em 1904 no Rio de Janeiro, a firma Guinle & Cia, já em 1909 a família Guinle, fundou a Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE). Ambas empresas tiveram forte atuação no campo enérgico em várias partes do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, sendo uma dessas ações a construção da Usina de Bananeiras, por uma concessão, através do Decreto n.º 5.646, do Ministério de Viação e Obras Públicas, de 22 de agosto de 1905.

As afirmativas do entrevistado acerca da mencionada barragem, também estão vinculadas aos estudos acadêmicos. Segundo Comerlato (2021), no ano de 1907, estavam sendo desenvolvidas, no salto das Bananeiras, as obras da usina de Guinle & Companhia, aprovada pelo Decreto Estadual nº 389, de 27 de março de 1906. A citada usina poderia gerar 30 mil KW, com possibilidade de chegar a 50 mil KW, o suficiente para fornecer energia para Salvador, além de Cachoeira, Santo Amaro e São Félix à época. A barragem foi construída na confluência do rio Paraguaçu e seu afluente, o rio Jacuípe, projetada pelo engenheiro Américo Furtado de Sima.

Na década de 1980, a usina de Bananeiras foi desativada em razão da construção da Barragem Pedra do Cavalo, “ficando suas estruturas remanescentes submersas no lago da atual barragem. As engrenagens da antiga usina foram removidas fazem parte do acervo do Museu Arqueológico da Embasa em Salvador” (COMERLATO, p. 93, 2021). Os relatos da citada pesquisadora, podem ser acrescidos de outras informações contidas no site do Memorial da Eletricidade, ou seja:

A Usina foi inaugurada em 1920, com capacidade instalada total de 11.250 kW, produzia, no entanto, a 4.100 kW, devido à pequena altura da barragem, que era de apenas 6 metros. Em 1929, foi criada a Companhia Energia Elétrica da Bahia (CEEB) que, neste mesmo ano, incorporou a CBEE, passando a operar a usina. Com a criação da CEEB, foi construída, em período de dois anos, a segunda Barragem de Bananeiras, contava com três grupos geradores de 3.000 kW cada. A usina atendia a Salvador e à maioria dos municípios baianos operados pela CEEB. Em 1940, a CEEB construiu

sobre o vertedouro, barragem móvel de 2,50 metros de altura, aumentando consideravelmente o volume de água armazenado na represa. Em 1960, a usina passou à Centrais Elétricas do Rio das Contas S.A. (Cerc). No final de 1967, foi ultimada a transferência da usina para a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – CHESF (Disponível em: <https://memoriadaeletricidade.com.br/acervo/31165/usina-hidreletrica-bananeiras>. Acesso em 16/07/2023).



**Foto 27 e 28.** Barragem de Bananeira (Guinle), construída em 1907, fornecia energia para a região do Recôncavo, ficou submersa a partir de 1980 com a construção da Barragem de Pedra do Cavalo. **Fonte:** arquivo particular de Maria da Silva Rodrigues.

Vale ressaltar, que o contexto histórico da construção da Barragem de Bananeiras, configura-se pelas ações desenvolvidas no país através dos governantes da Primeira República, quando a principal atividade econômica era o café e a economia brasileira sofria influência europeia, principalmente dos avanços tecnológicos gerados pela Segunda Revolução Industrial, ao passo que a instalação de usinas hidrelétricas visava a modernização do Brasil, inserir o país na concepção da Belle Époque, ou na lógica do que Nobert Elias chamou de “processo civilizador”. Além disso, a energia elétrica iria atender aos avanços econômicos vividos nesse período pelas cidades de São Félix e Cachoeira, impulsionado pelo beneficiamento do fumo nos armazéns.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inegavelmente, escrever acerca da trajetória de vida do senhor Vadu, foi para mim um grande privilégio, uma vez que os relatos expressos por ele ofereceram valiosas informações sobre vários aspectos relacionados à história de municípios do Recôncavo Baiano, como São Félix, Muritiba, Governador Mangabeira e Cabaceiras do Paraguaçu. Relatos que demonstram a importância da História Oral no campo acadêmico, permitindo “o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. A entrevista de história de vida pode conter descrições fidedignas das ações cotidianas” (ALBERTI, 2011, p. 166), nesse caso, essa fidelidade foi demonstrada nos relatos do senhor Vadu, cheios de emoção e de um prazer em expressar aspectos de sua trajetória de vida.

Essa dinâmica e diversidade propiciadas pela História Oral, permitiu a realização de uma entrevista com um senhor centenário, quando através da sua memória aconteceu o avivamento de lembranças associadas a diversas temáticas: família, escola, trabalho, moradia, festas, povoados, agricultura, lazer, cidades, poder e outras. Assim, “a construção de uma memória segue muitas trilhas, algumas obedecendo às margens que o tempo lhe ofereceu, outras vezes rompendo os limites e ocupando vasto território” (MONTENEGRO, 2010, p. 101), trilhas essas visíveis no depoimento do senhor Vadu.

Associados à vertente da História Oral, aparece na fala do depoente a importância da História Regional e Local, ao passo que são apresentadas diversas concepções a respeito da região do

Recôncavo Baiano e suas especificidades, alicerçadas em informações de locais como a cidade de Muritiba, Vila das Cabeças e os Povoados de Geolândia e Quixabeira, denotando a perspectiva historiografia da “História Regional e Local como um artigo de primeira, incentivando a busca de explicação das sociedades nas suas múltiplas dimensões e complexidades” (MARTINS, 2013, p. 145), fato evidenciado nos argumentos elucidados pelo senhor Vadu, rompendo as generalizações de uma História Geral, para tornar evidentes as marcas de atores sociais até então ocultos pela imposição de uma “história dos vencedores”.

Para além dessas concepções historiográficas, os depoimentos do senhor Vadu, nos faz refletir a respeito de uma “História vista por baixo”, inserida nos fundamentos da vertente denominada de História Social, que confere às camadas sociais subalternas representatividade, visibilidade e protagonismo, legitimadas a partir de suas vivências, a exemplo dos argumentos que o depoente demonstrou na sua trajetória como trabalhador, configurando em certa medida o que Thompson chamou de “experiência de classe”, geradas a partir das relações de produção em que as pessoas nasceram ou ingressaram de forma involuntária, simbolizadas nas reminiscências do depoente através do que ele considera o seu principal instrumento de trabalho como carpinteiro e marceneiro, ou seja, o martelo, nascendo assim o título do livro: "Não tinha um martelo como o meu".

Nesse contexto, percebemos o grau de importância a nível acadêmico e do conhecimento histórico em geral do conteúdo existente no depoimento do senhor Vadu, com uma precisão e detalhes nas informações, fruto de uma experiência de vida,

alicerçada em muitas dificuldades, mas em um prazer pelas coisas que realizou ao longo desses 104 anos, sem esquecer de deixar um conselho para as pessoas mais novas, ou seja: “parar com certos procedimentos que têm hoje, que estou vendo muitos por aí, que se resguardassem dessas coisas erradas, pois tem muito delas por aí, que a gente olha e não dá jeito” (REZENDE, Valdomiro de Souza, 2022).

Por último, devo expressar minha alegria em ter contribuído para tornar visível os saberes acumulados através da memória de Valdomiro de Souza Rezende (senhor Vadu), informações relevantes para o conhecimento histórico a nível regional e local, expressos com simplicidade, alegria e inteligência de uma pessoa centenária, que relata sua história de maneira prazerosa e divertida, servindo de exemplo para a geração atual. Também, agradeço ao convite feito por sua filha, a professora Maria Angélica da Silva Rezende da Mota, para escrever um pouco da interessantíssima história de vida do senhor Vadu, sem dúvidas um privilégio para minha pessoa, sobretudo no que se refere ao meu ofício de historiador, uma experiência inesquecível. Muito obrigado.

## FONTES

### Escritas

BRASIL FERROVIÁRIO. **Dormentes**. (Disponível em: <https://www.brasilferroviario.com.br/dormente/>. Acesso em 25/06/2023).

BRITO, Nelson. **Muritiba** – resgatando sua história. Muritiba: JM Editora LTDA, 2012.

CASTRO, Anfilofio de. **Muritiba** – Sua História. Seus Fados. Salvador: Tipografia Naval 1941.

GUIA DAS BICICLETAS. **Dínamo de bicicleta**. Disponível em: <https://guiadasbicicletas.com.br/dinamo-de-bicicleta-como-funciona/>. Acesso em 11/07/2023.

IBGE. **Cidade de Governador Mangabeira**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/governador-mangabeira/panorama>. Acesso em 04/07/2023.

\_\_\_\_\_. **Cidade de Cabaceiras do Paraguaçu**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/cabaceiras-do-paraguacu.html>. Acesso em 07/07/2023.

MEMORIAL DA ELETRICIDADE. Usina Hidrelétrica de Bananeiras. Disponível em: <https://memoriadaeletricidade.com.br/acervo/31165/usina-hidreletrica-bananeiras>. (Acesso em 16/07/2023).

MICHAELIS – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Calumbé**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/aZYN/calumb%C3%A9/>. Acesso em 26/06/2023.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Perdiz – o que é?** Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/animais/perdiz#:~:text=>.

Acesso em 11/07/2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CABACEIRAS DO PARAGUAÇU. **História**. Disponível em: <https://www.cabaceirasdoparaguacu.ba.gov.br/>. Acesso em 07/07/2023.

PROFESSORBORGES.COM.BR. **Palmeiras da Praça Castro Alves da cidade de Governador Mangabeira**: o esquecimento da Prefeitura no replantio de uma delas e sua importância histórica. ( Disponível em : <https://www.professorborges.com.br/2022/02/palmeiras-da-praca-castro-alves-da.html>. Acesso em 06/07/2023).

REZENDE, Valdomiro de Souza. **Pode meu coração te falar?** Destinatária: Zulmira Carvalho da Silva. Geolândia (Muritiba), 13 de maio de 1945. Cartão pessoal de aniversário.

SEBRAE. **Como montar uma marcenaria**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-uma-marcenaria>,. Acesso em 25/06/2023.

SILVA, Zulmira Carvalho da. **Parabéns e Felicidades**. Destinatário – Valdomiro de Souza Rezende. Geolândia (Muritiba), 22 de junho de 1943. Cartão pessoal de aniversário.

SUPER INTERESSANTE. **Quantas Moedas o Brasil já teve**. (Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantas-moedas-o-brasil-ja-teve>. Acesso em 25/06/2023).

WIKIPÉDIA. **Bateia**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bateia>. Acesso em 26/06/2023.

\_\_\_\_\_. **Lampião de carbureto**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lampi%C3%A3o\\_de\\_carbureto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lampi%C3%A3o_de_carbureto). Acesso em 06/07/2023.

## Orais

ROMA, Luís Mariano Nascimento de. **O processo de fabricação de tijolos em uma olaria.** Entrevista Virtual. Duração 10 minutos. Governador Mangabeira, maio de 2024.

REZENDE, Valdomiro de Souza. **Minha História de Vida .** Entrevista (depoimentos). Duração 3 horas. Governador Mangabeira: julho de 2022.

## Imagéticas

FERREIRA. Gusmão Júnior Silva. **Foto 25.** Arquivo Particular, Governador Mangabeira, 2023.

LEITE. Osmir Ferreira. **Fotos da capa.** Arquivo do Professor Borges, Governador Mangabeira, 2024.

MOTA. Maria Angélica da Silva Rezende da. **Fotos 1 a 18 e 24.** Arquivo particular. Governador Mangabeira, 2023.

RODRIGES, Maria da Silva. **Fotos 26 e 27.** Arquivo Particular. Governador Mangabeira, 2024.

SILVA, Faraildes Cerqueira da Silva. **Foto 23.** Arquivo Particular. Geolândia, Cabaceiras do Paraguaçu, 2024

SILVA. Luís Carlos Borges. **Fotos 19 a 22.** Arquivo particular. Governador Mangabeira, 2023.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais** – História dentro da História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2011.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, Francisco Evandro de. **As coisas e os homens: casas de farinha, cultura material e experiências do cotidiano das farinhadas**. Belo Horizonte: Temporalidades, Edição 22, V. 8, N. 3 . 2 0 1 6 . D i s p o n í v e l e m : [editorx08,+Gerente+da+revista,+Francisco++337++360.pdf](#). Acesso em 24/06/2023.

BARICKMAN, B. J. **Um contraponto baiano** – açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780 a 1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães, et al. **Dos castigos escolares à construção de sujeitos de direito: contribuições de políticas de direitos humanos para uma cultura da paz nas instituições educativas**. Rio de Janeiro: Revista Ensaio - Cesgranrio, v.27, n.102, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/VsQCNTCYmvRFFXM5W7ZtPvS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20/06/2023.

COMERLATO, Fabiana. **SÃO FÉLIX DO PARAGUASSÚ: UM OLHAR DA ARQUEOLOGIA PARA UMA CIDADE INDÚSTRIA**. IN: MAGESTE, Laércio, et al (org.). Arqueologia e Patrimônios, volume II. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2021. Disponível em : [https://www.researchgate.net/publication/357380742\\_Sao\\_Felix\\_do\\_Paraguassu\\_um\\_olhar\\_da\\_arqueologia\\_para\\_uma\\_cidade\\_industria](https://www.researchgate.net/publication/357380742_Sao_Felix_do_Paraguassu_um_olhar_da_arqueologia_para_uma_cidade_industria)

l. Acesso em 16/07/2023.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador: uma História dos Costumes**. Volumes: I e II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A FEIRA LIVRE NA CELEBRAÇÃO DA CULTURA POPULAR**. São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/140-481-1-PB>. Acesso em 08/07/2023.

HANSEN, Cláudia Regina Salgado de Oliveira. **Eletricidade no Brasil da Primeira República: CBEE e os Guinle no Distrito Federal (1904-1923)**. Niterói: UFF, 2012. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1384.pdf>. Acesso em: 16/01/2023.

MARTINS, Marcos Lobato. **História Regional**. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Alex de Jesus. **O INTEGRALISMO EM MARAGOGIPE-BA: sussurros de tempos de tensões políticas (1933 - 1937)**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: FGV, 2023. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/07043c88-1c9f-47ef-82f7-3fb6424122d4/content>. Acesso em 05/01/2023.

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **Da Catequese a Civilização – povos indígenas na Bahia**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2014.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer Charutos: uma Atividade Feminina**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2001.

D i s p o n í v e l

e m :

[https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/3\\_fazer\\_charutos\\_uma\\_atividade\\_feminina.pdf](https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/3_fazer_charutos_uma_atividade_feminina.pdf). Acesso em 19/06/2023.

SILVA, Luís Carlos Borges da. **A Vila e o Coronel** – poder local na Vila de Cabeças (1930-1962). Monografia de especialização. Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2004.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Volume 1 – A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ZORZO, Francisco Antônio. **O retorno a história da rede viária baiana**: o estudo dos efeitos do desenvolvimento ferroviário na expansão da rede rodoviária na Bahia (1850-1950). Feira de Santa: Sitientibus, nº 22, 2000. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/8794/7316>. Acesso em 25/06/2023.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Luís Carlos Borges da Silva**

Licenciado em História pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), especialista em História Regional pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia), especialista em História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena pela FAMAM (Faculdade Maria Milza) e pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), mestrando em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas pela UFRB. Atualmente leciona no Colégio Estadual Professor Edgard Santos – Governador Mangabeira (BA) e na Escola São Luís – Muritiba (BA).

### **Maria Angélica da Silva Rezende da Mota**

Licenciada em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), através da Plataforma Freire em 2013. Exerce a profissão de professora há 41 anos, atualmente leciona no Centro Educacional Professor Agnaldo Viana Pereira (CEPAVP), localizado no povoado de Quixabeira, município de Governador Mangabeira.



